

MÚSICA

14 NOVEMBRO 2015

António Eustáquio e Carlos Barretto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitolão António Eustáquio **Contra baixo** Carlos Barretto

Apresentação 21 Music

Sáb 14 de novembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Mais próximo das raízes

Guitolão, nome de instrumento e nome de projeto. Do que se trata? Do novo cordofone tocado por António Eustáquio, de quem se conhecia até recentemente a sua dedicação à guitarra portuguesa. Do duo, igualmente, que o mesmo mantém com o contra baixista Carlos Barretto e que ora se apresenta. Estão logo aqui dois fatores de problematização: o guitolão é, e não é, uma guitarra portuguesa e o guitolão é, e não é, um duo conotável com o que se vai designando por *world jazz*. Se a música tocada já constitui um desafio aos ouvidos, o que por detrás dos sons está em causa funciona como uma titilação das consciências. Há que não facilitar demasiado as coisas a quem ouve, sobretudo quando a música é, como esta, tão amiga dos nossos ouvidos...

Vamos por partes. Conta Eustáquio: «No início dos anos 1970, Carlos Paredes foi à oficina de Gilberto Grácio e pediu-lhe para construir uma guitarra com um “tiro” de corda de cerca de um metro. Isto é, uma guitarra baseada na guitarra modelo de Coimbra que os seus pais criaram (Artur Paredes e Pedro Grácio Júnior), com um braço mais longo. Creio que a ideia seria possuir uma guitarra que permitisse uma sonoridade mais grave e, de certa forma, prescindir da “viola” para o acompanhar. Nessa altura ele estava casado com Cecília de Melo, cantora lírica com a qual gravou para canto e guitarra portuguesa barítono, por este instrumento produzir sons mais graves e permitir a realização de um baixo mais profundo.

Paredes utilizou uma afinação própria, diferente da da guitarra portuguesa.»

Ora, ao construir o guitolão após a morte do mestre guitarrista, Grácio optou por fazer um instrumento novo, se bem que baseado na ideia inicial de Carlos Paredes. Continua António Eustáquio: «Telefonou-me a perguntar qual a afinação pretendida, uma vez que se tratava de um novo instrumento. Eu respondi que a afinação seria igual à da guitarra portuguesa, modelo de Lisboa, mas a uma quinta inferior. O resultado final apresenta um instrumento totalmente diferente do protótipo inicial, não sendo por isso uma guitarra portuguesa barítono, mas um instrumento com uma sonoridade e uma personalidade próprias e com outra abordagem técnica.»

Em suma, o guitolão nasceu como uma guitarra portuguesa e tornou-se em algo de distinto. Distinto será, também, este duo de guitolão e contra baixo daquele outro de guitarra portuguesa e contra baixo que inevitavelmente o referencia, o do próprio Carlos Paredes com Charlie Haden que deixou disco gravado? Carlos Barretto pensa que sim: «Paredes tocava os seus temas, bem conhecidos de todos nós, e Haden “andava à pesca”, a tentar apanhar *in loco* os tons e as modificações espontâneas do mestre, deixando a sensação de estar um pouco desalinhado ou de não ter captado o espírito muito próprio da música. A inexistência de ensaios também ajudou...»

«O que se ouve nesse CD é um Paredes a tocar a sua música e Charlie Haden a tentar uma adaptação. Neste

nosso trabalho houve a preocupação inicial de promover o diálogo entre os dois instrumentos, com cedências mútuas quanto ao discurso musical. Nasceu de um encontro natural, entre duas pessoas que já se conheciam, pessoal e musicalmente. Partimos com a ideia de criar um repertório novo. Consideramos o timbre dos dois cordofones como a ideia central para a exploração musical dos temas que vamos abordando. É um trabalho que vem sendo amadurecido ao longo do tempo», esclarece Eustáquio, pelo seu lado.

Barretto não concorda com o rótulo *world jazz* (uma mescla de “jazz” e “world music”) para aquilo que vêm fazendo... «De jazz não tem nada e no termo *world* pode caber muita coisa. Para mim é música portuguesa instrumental, com algum improviso. De modo geral temos tido muito boa receptividade e os concertos sucedem-se a bom ritmo, mas compreendo que numa loja de discos não saibam em qual prateleira arrumar o nosso álbum. Os puristas do jazz e da música étnica não serão, pois, o nosso público-alvo. Não se pode agradar a todos. Fazemos simplesmente aquilo de que gostamos.»

A perspetiva do seu parceiro segue o mesmo diapasão: «O estilo musical a seguir nunca foi nossa preocupação. Existiam memórias individuais dos nossos percursos musicais que coincidiam em muitos aspetos – vivências por que passámos, mesmo ao nível da audição. Daí notar-se, talvez, uma coesão. A primeira vez que nos integraram nesse género musical foi num festival etno-jazz na Moldávia, em 2006.

Pareceu-nos, no entanto, que a denominação não se adequava por inteiro ao nosso estilo. Acima de tudo, acho que fazemos música portuguesa baseada na nossa experiência e na nossa cultura.»

E no entanto, o gaitolão veio como que coroar as orientações de algum jazz nacional, no sentido da constituição de um “jazz português”. Carlos Barretto tem muitas dúvidas quanto a isso: «Jazz português? Não sei se existirá tal coisa. Haverá tentativas de levar regionalismos como o fado, o cante alentejano e o folclore para o jazz, com melhores ou piores resultados. No primeiro caso estou a lembrar-me, como exemplo, de João Paulo Esteves da Silva, um fantástico compositor e improvisador que, por vezes, transmite uma certa portugalidade. Será isso o jazz português? O recurso a instrumentos como a guitarra portuguesa ou o adufe portugaliza o jazz? Não sei...»

Também António Eustáquio não sabe se tais fatores são assim tão claros, mas está mais confiante. «Vivemos hoje na chamada “aldeia global” e por isso o jazz tem vindo a universalizar-se. Cada nação tem uma abordagem própria do jazz. Concordo, por isso, que os músicos portugueses terão um sentido estético próprio na improvisação e no desenvolvimento dos temas, mas a grande influência da cultura americana não tem permitido o distanciamento necessário para criarmos uma identidade expressiva dentro deste espaço musical. Acredito, porém, nesta explosão de jovens músicos de jazz em Portugal e estou convicto de que, dentro de algum tempo, alguns elementos da nossa lite-

ratura musical poderão identificar um “jazz português”.»

Curiosamente, antes da aventura gaitolão, António Eustáquio dedicou-se a inserir a guitarra portuguesa na música antiga e na clássica, interpretando composições de, entre outros, Bach e Vivaldi. Era este o contexto: «Em 1980, estudei, em Paris, com Henri Agnel. Ele e outros músicos de origens diversas como o jazz, a música barroca, etc..., andavam à procura de novas sonoridades baseadas na música tradicional de diferentes países. Por sorte trabalhei com eles e percebi que esse seria o meu espaço musical – não na chamada *world music*, que surgiu muito mais tarde, mas na exploração de estilos e timbres de diferentes culturas. Na altura, o jazz estava a esgotar-se, bem como o rock, com o *punk* a acenar a despedida de um movimento musical com três décadas de existência. No plano da chamada música erudita vivia-se na ressaca do atonalismo e de outras correntes que proliferaram ao longo do século XX. O mundo da música parecia destituído de criatividade e sem saída possível.»

Entre os vários caminhos possíveis neste cenário pouco animador acabou por ser o do jazz a atraí-lo... «De todos os géneros existentes o jazz sempre me interessou na qualidade de ouvinte. Para mim, o jazz é liberdade (tensão e libertação). O aspeto criativo do jazz e o seu conteúdo emocional sempre me fascinaram. A guitarra portuguesa pareceu-me a adoção lógica, mas nunca na perspetiva daquele instrumento que acompanhava o fado. A música improvisada seria uma possibilidade, bem como

a exploração tímbrica. O sonho de qualquer músico é inovar. Não fazer mais do mesmo. Nessa linha, experimentei gravar obras já existentes, mas alterando o timbre do instrumento solista. Com Carlos Barretto surgiu a possibilidade da improvisação. O Barretto é um ótimo improvisador. O jazz é já, na sua essência, uma música de fusão de culturas. Toda a música, afinal, se vem fundindo ao longo dos séculos. O certo é que a música que tocamos não tem a fusão de estilos como propósito, e sim a exploração tímbrica e a liberdade de criação.»

Barretto coloca a questão de outra forma: «Não há fusão, apenas sublimação. O gaitolão é um mundo muito dele, singular, com personalidade própria. Não existe em nenhuma outra parte do mundo um instrumento como este. É, como a guitarra portuguesa, genuinamente nosso, com as suas frases em choradinho, aqueles trinados em filigrana, impossíveis de reproduzir. Esta sonoridade fascina-me e penso que deve sair do espartilho do fado e alargar o seu espectro sonoro para outros horizontes, mais abertos. É o que estamos a tentar realizar. Sou curioso, gosto de experimentar, de arriscar, de evoluir, gosto de aprender linguagens que não domino, de ser diferente sendo o mesmo, sendo eu próprio.»

Mas que carácter português é esse que encontramos em peças como *Nem o Sol da Sesta e Hoje a Minha Dor é Esta?* Diz tudo o facto de esses títulos terem sido retirados de um poema de José Gomes Ferreira, *Transformação do Mundo*, que trata, precisamente,

sobre o modo de estar e de ser lusitano. «O ambiente musical deste disco tem uma relação com o nosso passado cultural e também com a vizinhança geográfica de Espanha. *Nem o Sol da Sesta* termina com as últimas notas do Hino Nacional. *Ibn* reporta-nos para sonoridades da música hispânica, que é filha da árabe, enquanto *Marwan* revisita um passado distante de influência árábica ou mesmo moçárabe», explica António Eustáquio.

Por sua vez, *Hoje a Minha Dor é Esta* vai buscar novamente a influência magrebina, mas «tem a atualidade de se referir ao desespero e à angústia em que o nosso povo mais uma vez se encontra». Pelo meio, há também uma versão de um tema do tunisiano Anouar Brahem, *Kashf*: «Sendo um instrumento português, o guitolão possui sonoridades mediterrânicas, aproximando-se umas vezes do alaúde árabe no seu registo médio, outras do saz turco e outras ainda da guitarra hispânica. Pela sua riqueza harmónica, possibilita a incursão noutros estilos e ambientes sonoros. A ligação que eu e o Barretto temos com o Alentejo e, em consequência, a proximidade com a Extremadura espanhola, marcaram fortemente a nossa música.»

É como refere Carlos Barretto, que conhecemos melhor pelo seu jazz de cariz europeu, com laivos de rock no caso dos Lokomotiv, ou a interpretar os *standards* norte-americanos: «Gosto de falar diversos idiomas. Tocar americano, europeu ou português faz parte da minha aprendizagem, de tudo o que vou assimilando ao longo da vida. Gosto de

toda a música, mas posso dizer que me sinto muito bem com o guitolão, talvez por estar mais próximo das minhas raízes.» Ser e não ser, afinal, não constitui um problema, mas uma oportunidade. Esta revela-se fundamental, única e incontornável...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *online jazz.pt*

António Eustáquio guitolão

António Eustáquio nasceu em Portalegre e é o exemplar executante de um novo instrumento português, o guitolão, que teve origem numa sugestão de Carlos Paredes e foi materializado pelo construtor Gilberto Grácio.

É licenciado em Música – Guitarra Portuguesa. Frequentou o Conservatório Regional de Castelo Branco, onde estudou Educação Musical, Piano, Composição, História da Música e Acústica. Estudou Música Antiga em Paris com Henri Agnel e um ano depois ingressou no serviço militar onde integrou a Orquestra Ligeira do Exército. Integrou a Orquestra da Felicidade, participando em diversos programas televisivos e em concertos por todo o país. Estudou guitarra na Academia de Amadores de Música em Lisboa. Participou num Seminário sobre música jazz, com John Abercrombie, organizado pelo Hot Clube de Portugal.

Fundou o Conservatório Regional de Música de Portalegre, no qual exerceu mais tarde o cargo de Presidente da Direção. Dirigiu a Orquestra desta escola. Fez parte do projeto “Lendas e Romances”. Com este projeto deslocou-se ao Canadá (Toronto) onde realizou três espetáculos e participou na gravação de um CD. É membro fundador do Quarteto do Sol, e dos Sons do Tempo – quarteto com guitarra portuguesa. Realizou com este quarteto inúmeros concertos dos quais se salientam os concertos de encerramento da EXPO 98 dedicado a Carlos Paredes

e um concerto integrado no Festival WOMAD em Espanha (Cáceres).

Trabalhou com o grupo irlandês Riverdance no espetáculo televisivo Globos d’Ouro, da SIC, onde apresentou uma fusão musical entre a guitarra portuguesa e a música irlandesa.

Organizou o 1.º Festival da Guitarra Portuguesa em Portalegre.

Fundou a Camerata Lusitana, conjunto instrumental que propõe a utilização da guitarra portuguesa na execução de repertório de música do período barroco com a qual gravou dois CDs (Vivaldi em guitarra portuguesa e Bach em guitarra portuguesa).

Com Carlos Barretto atuou já na República da Moldávia integrado no Festival Etno-Jazz 2006 e em Saragoça, Espanha, em conjunto com um quarteto de cordas. Atuou no Festival de Música da Bulgária, em dois concertos, com membros da Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras. Participou, com diferentes formações, em diversos Festivais de música em Portugal e no estrangeiro (Festival da guitarra Portuguesa do Algarve; Festival WOMAD, Espanha; Festival EtnoJazz, Moldávia; Festival de Música Mediterrânica, Córsega; Festival de Música da Bulgária, entre outros). É Professor do Quadro de Nomeação Definitiva de Educação Musical na Escola Garcia d’Orta em Castelo de Vide.

Discografia:

Orquestra da Felicidade, 1988,
“10 anos depois”, LP
Quarteto do Sol, 1993, CD
Sons do Tempo, 1996, CD

Vivaldi em guitarra portuguesa, 2002, CD
Bach em guitarra portuguesa, 2005, CD
Guitolão, 2005, DVD promocional de Marvão
Guitolão, 2008, CD
António Eustáquio e Carlos Barretto, Jacc Records, Cultlabel, 2015

Carlos Barretto contrabaixo

Quando se fala de Jazz em Portugal, o nome de Carlos Barretto é uma referência de mérito incontornável. A crescente internacionalização da sua atividade artística tem levado a sua música a muitos destinos, tanto na Europa como no resto do mundo, sempre com rasgados elogios por parte da crítica especializada.

Depois de ter concluído o curso do Conservatório Nacional de Música de Lisboa, Carlos Barretto residiu em Viena de Áustria (1980-1982) a fim de se especializar na música erudita, onde estudou com Ludwig Streischer, um dos grandes mestres mundiais do contrabaixo.

Dedica-se à música improvisada, tendo atuado ao longo dos anos nos mais prestigiados festivais em França, Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda, Grécia, Tunísia, Estónia ou China.

Contabiliza mais de uma dezena de álbuns discográficos gravados em nome próprio e colaborou em outros tantos da autoria de Bernardo Sasseti, Bob Sands, George Cables, Mário Delgado e Perico Sambeat, entre outros. A evolução estética da sua música percorreu variadas

correntes jazzísticas, optando hoje por sonoridades mediterrânicas.

Trabalhou com Lee Konitz, Steve Grossman, Gary Bartz, Steve Lacy, Steve Potts, Tony Scott, Glenn Ferris, John Stubblefield, Art Farmer, Jack Walrath, Louis Sclavis, François Corneloup, Perico Sambeat, Roman Filliu, Gilad Atzmon, Carlos Bechegas, Rodrigo Amado, Marlon Jordan, Gerard Presencer, François Théberge, Bob Sands, Jorge Pardo, Andrej Olejnizack, João Moreira, Carlos Martins, Alípio Neto, Carlos Zingaro, Mal Waldron, Horace Parlan, George Cables, Kirk Lightsey, Alain Jean-Marie, Bernardo Sasseti, Brad Mehldau, Richard Galliano, Mariano Diaz, Fabio Mianno, Abe Rabade, German Kucich, Horacio Icasto, Júlio Resende, Mário Laginha, Barry Altschul, George Brown, Cindy Blackman, Joe Chambers, Jordi Rossy, Aldo Romano, Don Moye, Carlos Carli, Marc Miralta, Daniel Garcia, Guillermo Mcguill, Mário Barreiros, Markku Ounaskari, Ethan Winogrand, Juan Mas Barroso, Joel Silva, Karl Berger e John Betsch, entre outros.

Já atuou em países como Espanha, França, Itália, Suíça, Grécia, Roménia, Moldávia, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Áustria, Hungria, Andorra, Luxemburgo, Finlândia, Polónia, Marrocos, Senegal, Cabo Verde, Angola, Venezuela, Argentina, China e Macau.

Discografia:

Impressões, Groove / Movieplay, 1994
Going up, Challenge, 1996
Suite da Terra, Bab / Dargil, 1998

Olhar, Up Beat, 1999
Silêncios, Foco Musical, 2000
Rádio Song, CBTM / Clean Feed, 2002
Solo Pictórico, CBTM, 2002
Lokomotiv, Clean Feed, 2003
Labirintos, Clean Feed, 2010
António Eustáquio e Carlos Barretto, Jacc Records, Cultlabel, 2015

Colaborações em disco:

Mal Waldron / Thierry Bruneau
Quartet – *Serene*, Serene, 1991
George Cables Trio – *Alone Together*, Groove / Movieplay, 1995
Carlos Martins – *Passagem*, Enja, 1998
Bob Sands – *Jumpstart*, Fresh Sound, 1999
Carlos Martins – *Sempre*, Emi / VC, 1999
Mário Delgado – *Filacteria*, Clean Feed, 2002
Bernardo Sasseti – *Nocturno*, Clean Feed, 2002
Afonso Pais – *Terra Nova*, Clean Feed, 2004
Bernardo Sasseti – *Ascent*, Clean Feed, 2005
Ethan Winogrand – *Tangled Tango*, Clean Feed, 2007
Miguel Martins – *The Newcomer*, Klimax Records, 2008
Afonso Pais – *Subsequências*, Enja, 2008
Jorge Moniz – *Deambulações*, 2010
Bernardo Sasseti Trio – *Motion*, Clean Feed, 2010

Próximo espetáculo

Trisha Brown Dance Company

If you couldn't see me © 2015 Julieta Cervantes



Dança Sex 20, sáb 21 de novembro

Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h30 com intervalo · M12

Como é sabido, Trisha Brown é uma grande figura da história da dança. A Companhia que nos deixou continua a apresentar as suas magníficas coreografias pelos melhores palcos do mundo. Agora, aqui.

Próximo espetáculo de música

Ricardo Toscano Quarteto

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 27, sáb 28 de novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



Simulação da tradição, a liberdade da criação. Sobre o CD que está na base deste concerto, Rui Eduardo Paes escreveu: “este disco é uma mina”. Manuel Halpern disse que era um álbum de extrema importância. E simulação.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo